

PAULO FREIRE: A LEITURA E O LEITOR

PAULO FREIRE: THE LITERATURE AND THE READER

Simeire da Silva Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT, Brasil. E-mail: meyrssantos21@gmail.com

Adriana Maria Lucena da Silva

Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, RO, Brasil. E-mail: drykatalita@gmail.com

Luciana Raimunda de Lana Costa

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT, Brasil . E-mail: luciana.costa@unemat.br

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v2i2.69>

Recebido em: 09.02.2021

Aceito em: 27.02.2021

Resumo: Este ensaio pretende discutir a importância da leitura nos processos de alfabetização e letramento. Para tanto, analisamos a metodologia dado à essa prática pelo educador brasileiro Paulo Freire na perspectiva teórico-metodológica da fenomenologia aliada a leitura de mundo, descrito na obra *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. A obra traz consigo uma temática em relação ao ato de ler, e ao mesmo tempo aborda uma realidade sócio e político tendo como um dos conceitos fundamentais, a forma como a leitura transforma a postura do indivíduo na sociedade, relacionando a mesma como um meio de alfabetização. Paulo Freire apresenta o significado da leitura como aprendizagem, além de expor problemas relacionados a alfabetização de adultos. Paulo Freire foi o defensor da educação como ato de liberdade, compreendida na relação entre o alfabetizar e o letrar. Por meio de um contexto crítico, o autor relata sua experiência como educador infantil e na alfabetização de adultos, na República Democrática de São Tomé e Príncipe. Este ensaio refere-se à teoria visionária de Paulo Freire, para isso, utilizaremos não apenas seu livro *“A importância do ato de ler”* (2003) como também autores que dialogam com o autor.

Palavras-chave: Paulo Freire; leitura; letramento; liberdade;

Abstract: *This essay aims to discuss the importance of reading in the processes of literacy. Therefore, we analyzed the methodology given this practice by the Brazilian educator Paulo Freire in theoretical-methodological perspective of phenomenology combined with world reading, described in the work “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” [The importance of the act of reading: in three articles that complete each other]. The work bring with itself a thematic in relation to the act of reading, and at the same time it approaches a social and political reality having as one of the fundamental concepts, the way how the reading transforms the posture of the individual in the society, relating it as a mean of literacy. Paulo Freire presents the meaning of reading as learning, in addition to exposing problems related to adult literacy. Paulo Freire was the defender of education as act of freedom, comprehended in the relation between literacy and teaching. Through a critical context, the author reports his experience as a child educator and in adult literacy, in the Democratic*



Republic of São Tomé and Príncipe. This essay refers to Paulo Freire's visionary theory, for that, we will use not only his book "A importância do ato de ler" (2003) [The importance of the act of reading] but also authors who dialogue with the author.

Keywords: Paulo Freire; reading; literacy; freedom;

1 Primeiras reflexões

O processo de alfabetização descrita por Paulo Freire no livro *A importância do ato de ler*, aponta como a leitura é responsável por auxiliar, de forma considerável, na formação do indivíduo, conduzindo-o a observar a sociedade, seu dia a dia e, de modo particular, expandindo e diversificando sua visão e interpretação do mundo, com relação à vida em si mesmo. Para que esse crescimento intelectual aconteça, é essencial que a leitura advenha de ambientes propícios à sua aquisição, mas, acima de tudo, seja adequado, respeitando a condição sociocultural do leitor. Para tanto, um dos elementos imprescindíveis, que condicionam a aprendizagem, é o domínio da linguagem, adquirido a partir da leitura e da escrita que, por sua vez, reverberam em todas as áreas do conhecimento. A leitura, sendo parte indispensável do saber, estabelece nossas interpretações e nos possibilita a percepção do outro e do mundo. Assim sendo, é por meio do ato de ler que (re) configuramos nossos pensamentos, (re) formulamos nossos conceitos e conclusões.

Segundo Freire (2003) conhecer a realidade consiste em lê-la com olhar atento e entregar-se às mudanças, levando em consideração que nosso mundo contemporâneo é marcado pela amplidão da desigualdade social. Ora, a leitura simboliza conhecimento, e o conhecimento, por sua vez é libertador. Assim sendo, a leitura torna-se indispensável na construção de um pensamento em que o indivíduo se apodere da leitura como uma prática de esclarecimento e transformação do contexto social. Ou seja, oferecer possibilidades de leitura dos códigos linguísticos que formalizam as relações sociais, mas, principalmente, a leitura das perífrases ideológicas que percorrem as enlaçaduras sociais.

O leitor enquanto sujeito descobre sua capacidade de modificar o meio social a partir de um propósito de transformação enredado no diálogo entre o seu mundo e a sociedade. Nesta percepção, não se procura apenas o seguimento de um modelo mecânico reprodutor, mas de pensamentos individuais e críticos, que possam conduzir toda sociedade a uma igualdade social unificada. Portanto, a abordagem desse presente texto parte do seguinte problema: qual a importância da aquisição da leitura na construção do cidadão crítico na contemporaneidade?

Propondo discutir essa realidade, atentamos em entender a importância da leitura na concepção de Paulo Freire. Tendo como objetivo destacar a leitura como elemento essencial na construção de um indivíduo crítico, dispondo da leitura como fato notável no cenário atual. Assim sendo, consideramos que os elementos decorrentes da presente análise permitem uma reflexão acerca do conceito de leitura a partir do pensamento freiriano. Logo, entendemos a relevância da obra sob a perspectiva da realidade contemporânea, como componente significativo na construção de um pensamento crítico e social.

2 A concepção de leitura segundo Paulo Freire

A prática da leitura é caracterizada em representar a consolidação do sujeito, de sua história como produtor de linguagem e de sua singularização como intérprete do mundo que o cerca (FREIRE, 2003). Além de ser um aperfeiçoamento pessoal, a aquisição da leitura é também estimulada por políticas públicas, que proporcionam a construção de ambientes próprios, como bibliotecas, e o acesso da população, por meio dos livros. Dessa forma, o ambiente escolar pode ser caracterizado como local propício para estimular os alunos quanto à necessidade do hábito da leitura, e que por meio da leitura, é possível despertar o pensamento crítico e libertador, onde se fundamentam verdadeiras esperanças de mudanças, sobretudo sociais.

Conforme Paulo Freire (2003, p.11), o processo de “leitura não se esgota apenas na decodificação da palavra escrita, mas, que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. O autor destaca ainda, que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire 2003, p.11), ou seja, segundo Paulo Freire, o aluno não é uma tábua rasa onde o professor enche de conteúdo. A teoria de Freire acredita que todos possuem um conhecimento de mundo que precisa ser explorado pelo educador. Assim sendo, a educação defendida por Freire, é uma educação que liberta.

A teoria de Paulo Freire compreende que educar não é apenas um ato de transição do conhecimento do objeto ao aluno, mas um estímulo no sentido de que, como sujeito cognitivo, torne-se capaz de entender e transmitir o entendido. Ou seja, o educando adquire o conhecimento e, conhecendo, transfere ao outro. Paulo Freire (2003) aborda uma educação estabelecida pela ética, no respeito e na liberdade do educando. Essa metodologia educacional oferece ao educando autonomia, além de criar possibilidades de construir, reconstruir, detectar, para substituir, o que não se pode fazer sem possibilidade ao risco e à aventura.

Essa concepção, se dá pela leitura de mundo, das vivências e experiências, a qual compreende diversão, espaço democrático, diálogo a inter-relação entre educador e educando, reconhecendo sua ligação direta com os conceitos e categorias que sua metodologia já estudava no passado. Naquela época, e não muito diferente dos dias atuais, a população brasileira era extremamente pobre, marginalizada e com grande número de analfabetos. Além disso, a ideologia de submissão estava estabelecida no Brasil. Para Freire, tal situação era inaceitável. Logo, a partir dessa problemática, viu-se na oportunidade de construção de uma nova sociedade, na qual a libertação substituiria a desigualdade e a exclusão social.

Reforçou-se aí, a preocupação com a alfabetização de adultos. Não apenas como possibilidade de domínio dos códigos de leitura e escrita, mas como necessidade de ler e interpretar criticamente o mundo, a fim de se situar nele como agente ativo e construtor de si e da história da humanidade. (DAMKE, 1997, p. 143).

Freire (2003) observou que o ato de ler liberta os homens, oferecendo-lhes a condição de ser agentes de seu mundo, onde a submissão já não o domina, tornando-os em agentes ativos e transformadores.

3 Freire e a busca pela autonomia da leitura

A inquietude de Paulo Freire (2003) era tornar evidente o modo pelo qual os alunos adquirem o conhecimento e como os estes se tornam elementos de pensamento crítico capaz

de identificar não apenas o contexto em que está inserido como também de transformá-lo. Visto que conforme Freire, “Fazer a história é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado” (2003, p.24). No excerto, Freire questiona a realidade social e econômica brasileiro representada pelo capitalismo como o único modelo de cidadania.

[...] educar é construir, é libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um tempo de possibilidades. É um ‘ensinar a pensar certo’ com quem ‘fala com a força do testemunho’. É um ‘ato comunicante, co-participado’, de modo algum produto de uma mente ‘burocratizada’. No entanto, toda a curiosidade de saber exige uma reflexão crítica e prática, de modo que o próprio discurso teórico terá de ser aliado à sua aplicação prática. (FREIRE, 1996, p. 52).

O autor destaca outras possibilidades em que o indivíduo é convidado a pensar e construir sua realidade, diferente da realidade em que vive. Portanto, a leitura da realidade social e suas especificidades, como um componente do método educativo, reproduz outros meios e concepções em que o aluno torna-se o autor de seu destino. Contudo, para tal condição, é fundamental a alfabetização do indivíduo. Neste aspecto, sua metodologia, de caráter construtivista, tornou-se seu projeto de vida, de expectativa, em uma ação transformadora em que o homem se vê numa busca pela sua dignidade, negando toda e qualquer forma de exclusão e injustiça.

Conforme Freire (2003), a leitura consiste em ler a realidade com um olhar atento dispondo-se às mudanças, visto que nosso mundo “aparentemente moderno” é marcado pela vergonha chamada desigualdade. Em suma, saber é ler e a leitura é libertadora. Além disso, conduz o ser humano a desprender-se do papel de apenas receptor da palavra, para a desafiadora, missão de interpretar e reinventar seu mundo na busca incessante pela verdade e liberdade. Assim sendo, o leitor passa a ser sujeito de sua vida. É a partir desse contexto, que se dá o pensamento freiriano acerca da leitura. Visto que, conforme Freire, não basta ler apenas os códigos linguísticos. É necessário a compreensão daquilo que lê e de como estão interligados na realidade social de cada leitor.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003, p. 11).

Na afirmação de Freire percebemos que a leitura não deve ser conduzida como um conjunto de regras de explicação de um texto, como se o texto fosse um objeto pronto, a ser compreendido pelo leitor e, menos ainda, o entendimento dos códigos que procuram traduzir uma realidade cuja compressão é abstrata. Seria imaginário o conceito de leitura e de ser humano de Paulo Freire?

Encontramos a resposta no próprio modo de vida do educador. De acordo com Damke (1998, p. 41) “Freire é um realista porque é utópico, e utópico e esperançoso porque, para além dos textos, sabe ler a realidade.” Torres (1979, p. 8) se propõe a discutir o assunto ao afirmar que “só os utópicos [...] podem ter esperança, só os oprimidos podem libertar-se a si mesmos e libertar seus opressores.” Percebemos, portanto, que

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade,

sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 2001, p. 261).

Dessa forma, o indivíduo, enquanto sujeito de sua ação, converte numa perspectiva libertadora, e, com resultado, a transformação em um ser idealizador e ético, que ao ler sua realidade se transforma e recria o meio em que está envolto. Nesta perspectiva, a correlação entre o espaço não físico e a leitura da realidade torna-se fundamental para a concepção de uma expectativa em que a educação, enquanto processo, adapte-se ao contexto social, produzindo assim, situações que propiciam a leitura dos códigos linguísticos que desenvolvem as relações sociais.

Nesta perspectiva, Freire transcorre, a partir do ato de ler, pela visão de uma nova sociedade. Onde o homem, como sujeito da ação, faz com que essa ação passe a ser no seu entendimento libertador, que por conseguinte, a transformação em um ser crítico, que ao ler o mundo se encontra podendo assim transformar o meio que em vive.

4 A leitura predominante na escola

Conforme podemos notar, a teoria de Freire defende que o indivíduo que se torna leitor têm o poder de recriar as próprias condições de vida e ao meio, desenvolver relações sociais, e acima de tudo, torna-se capaz de se libertar de situações opressoras e de ideologias dominantes que massacram as sociedades menos favorecidas e/ou informadas. Mas, para que os indivíduos se tornem cidadãos críticos e atuantes sobre o ambiente em que estão inseridos, seu processo de formação necessita oferecer condições para que eles construam e reconstruam a palavra.

Nas escolas, especialmente no Ensino Fundamental, predominam as interpretações de texto trazidas pelos livros didáticos, infelizmente muitos deles de forma incompleta, assim, as atividades realizadas consistem em fazer resumos dos textos que possuem como maior objetivo recontar a história lida, não oferecendo nenhuma condição para que os alunos compreendam os textos como prática para uma educação libertária, e/ou encontrem prazer no ato de ler, assim, “mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência compartilhada de leitura” (COSSON, 2012, p. 23). A construção de sentidos exige um certo diálogo com o texto. Assim, diferentes textos, diferentes sujeitos devem (ou podem) compartilhar experiências de leituras e trilharem os caminhos para o universo plurissignificativo dos textos.

As práticas de leituras podem ser realizadas através do letramento literário, sendo este denominado como uma prática social, logo, responsabilidade da escola, dessa forma as instituições escolares necessitam ofertar condições para o crescimento pessoal e intelectual dos indivíduos. Isto porque, na leitura, há uma

[...] troca de sentidos não só entre escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro (COSSON, 2012, p. 27).

Em linguagem diferente o autor perpassa pelo mesmo caminho de Freire quando este se refere à leitura de mundo. Fatores internos e externos à obra como o meio em que a leitura é

feita, os sujeitos envolvidos nela, a forma como é proposta ou motivada, discurso utilizado na obra, o enfoque ou gênero, a (ausência) presença de cores provocam (ou não) o leitor.

5 O professor como mediador no processo de emancipação do leitor

O processo de formação do leitor implica uma constante troca. O leitor necessita estar aberto para interagir e compreender o mundo do outro, uma vez que os textos, principalmente, os textos literários, permitem efeito de proximidade com a sociedade. Sendo assim, ler vai muito além do que decodificar palavras ou atribuir sentidos ao texto, ler implica penetrar de diferentes maneiras no texto e contexto, e explorá-lo em seus vários aspectos. Portanto, cabe ao professor partir daquilo que o aluno já conhece, ou seja, considerar suas interpretações e experiências, direcionando o aluno para aquilo que ele desconhece, “a fim de se proporcionar o conhecimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2012, p. 35). Como podemos notar, a leitura é uma série de convenções que se estabelecem dentro de uma comunidade, tendo em vista a comunicação dos seus membros dentro e fora dela, assim, ler é mais do que adquirir uma habilidade, é uma prática social que norteia as relações humanas.

A escola, segundo Gonçalves (2018), tem uma forte relação com o leitor em seu processo de construção, sobretudo, onde a carência das bibliotecas é grande, assim, o enriquecimento da leitura por parte do aluno depende também da criticidade do professor, cujo, através de seu conhecimento literário conduzirá os alunos à expansão de seus horizontes. Assim, as experiências de leituras do professor enriquecem a capacidade e aguçam os leitores as experimentações de novos mundos que os permitam refletir sobre suas experiências reais, confluindo com as experiências literárias e as experiências do outro.

Desse modo, compreendemos que o universo do leitor se expande através das experiências de leitura, as quais permitem que os sujeitos interajam entre si, realizando troca de experiências e enriquecendo sua existência. As práticas de leitura e a alfabetização das crianças e jovens através dos textos ficcionais, proporciona aos alunos a ampliação da aprendizagem, pois retira o leitor do aspecto apenas funcional e de cunho gramatical e/ou moral dos textos.

Nesse sentido, o papel do professor enquanto mediador da leitura é primordial, visto que ele irá pontuar os critérios a serem trabalhados e buscar os métodos a serem explorados (GONÇALVES, 2018) assim, deverá conduzir os alunos a problematização da leitura e os questionamentos que ela propõe aos leitores, incitando-os à capacidade crítica e de argumento com o texto, capacitando alunos, vislumbrando que reconheçam nas narrativas as relações de passado e presente em confluência.

A experiência da leitura (GONÇALVES, 2018 apud COMPAGNON, 2010, p. 161) “é uma experiência ambígua, dividida entre compreender e amar, entre liberdade e imposição, entre atenção ao outro e preocupação consigo mesmo”, logo, o contato do leitor com o mundo da escrita, lhe desperta sensações e experiências que o compõe em cada nova leitura, emancipando o leitor a cada nova experiência.

Segundo Cosson (2012), o professor enquanto mediador deve fortalecer a disposição crítica de seus alunos, impulsionando-os a ultrapassarem o simples consumo dos textos, de modo que as práticas de sala de aula precisam contemplar não apenas a leitura de obras literárias, mas sim o processo de letramento literário, uma vez que a leitura é a interpretação do mundo,

não devendo se pautar em uma relação fechada, mas sim em um processo de interações, devendo o professor propiciar condições para que o encontro do aluno com os textos literários seja uma busca de sentidos para o texto, para o aluno e para o meio em que vive.

Em algumas situações, a leitura nas escolas acontece de forma mecânica, onde se busca apenas a verbalização e oralização dos textos, deixando de lado o processo reflexivo, tornando-se uma mera repetição do livro didático, onde o professor executa as propostas que o livro aborda e o aluno realiza as atividades impostas. Tal prática não leva o indivíduo a refletir sua condição social, ou mesmo problematizar a condição humana.

Desse modo, as práticas de leitura realizadas por muitas instituições escolares estão na contramão ao discurso de Freire, o qual assevera que a partir da leitura os indivíduos têm uma nova visão da sociedade. Nesse sentido, Silva (2011, p. 22) aponta que

A leitura deve ser vista como um conjunto de comportamentos que se regem por processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo, os quais afloram durante o contexto da atividade leitura. Sendo assim, o sentido maior da leitura é garantir a [...] ampliação e compreensão do mundo e, essa tarefa, não é completada apenas nas séries iniciais, uma vez que se constitui em um processo longo, que deverá ser iniciado, provocado, sustentado e desenvolvido durante as experiências escolares, afirmando que se formam leitores na relação dialógica entre aquele que ensina e aquele que aprende.

Conforme aponta Silva (2011), o leitor é um ser ativo que dá sentido ao texto, assim a escola é um veículo de formação e de poder, pois é no ambiente escolar que o aluno terá oportunidade de conviver com diferentes recursos de leitura; bibliotecas, laboratórios, revistas, jornais, gibis, e obter contato com diferentes tipos de textos, podendo para tanto trocar experiências com outros indivíduos e expandir seus horizontes de compreensão do mundo.

Portanto, o ato de ler e a construção dos significados não é feita a partir do texto, mas sim a partir dos significados que o leitor atribui ao texto, pois “a leitura não pretende reconstruir a intenção do autor [...], mas aquilo que está dito para o leitor” (COSSON, 2012, p. 58). A formação do leitor é um trabalho conjunto que se estende além do ambiente escolar, ela envolve a sociedade e a família, e se constitui como um longo processo a ser desenvolvido em uma relação dialógica entre esses três atores. Sendo que cada um desses ambientes influencia diretamente nas experiências dos sujeitos, vindo a refletir posteriormente no processo reflexivo que envolve a interpretação dos textos.

6 A leitura literária na escola e o discurso utilitário presente nos textos ficcionais

A escola, historicamente, tem lançado o ensino da leitura através dos textos ficcionais, todavia, de modo utilitário. Os textos ficcionais trabalhados em sala de aula e contemplados pelos livros didáticos, têm sido utilizados como mero recurso pedagógico, tendo em vista exercitar as competências orais e gramaticais dos alunos, bem como repassar valores morais e sociais, desse modo, o processo reflexivo, interpretativo e de interação do aluno com o texto não tem ocorrido de forma eficaz para a emancipação do leitor em seu processo de alfabetização. Desse modo, compete a nós refletir sobre os lugares dos discursos estéticos e utilitários do texto em sala de aula, pois a escola é um espaço privilegiado que contribui para o despertar dos alunos para o mundo da leitura.

Nessa perspectiva, Soares (1999 *Apud* Bispo e Lins 2015) acentua que devemos pensar em uma possibilidade adequada de escolarização da literatura, ou seja, uma proposta que permita ao leitor a vivência do texto literário e não a distorção do mesmo, uma vez que, “os textos para crianças pertencem tanto a literatura, quanto à pedagogia, pois eles promovem a emoção e servem de instrumento educativo” (CALDIN, 2002, p. 01).

A prática de leitura, em específico, a literária possibilita ao professor desenvolver diversas habilidades de leitura com seus alunos, seja ela silenciosa, oral, visual e outros, inclusive o desenvolvimento das capacidades linguísticas implícitas ou explícitas contidas na discursividade textual. As práticas de leitura podem/ devem ser desenvolvidas de acordo com as especificidades de cada grupo, visto que os textos literários possibilitam diferentes enfoques. Neste ínterim, a estética do texto promove e facilita a compreensão e reflexão do leitor.

A literatura é um campo que ligado as potencialidades da linguagem, a qual possibilita a expressão, a imaginação, a fantasia, a crítica, permitindo aos sujeitos diversos modos de experienciar o mundo e a si próprio (LINS E BISPO, 2015). Assim sendo, a escola se depara com a necessidade de buscar alternativas para mediar o discurso estético e pedagógico dos textos e formar indivíduos críticos no modo de pensar, ler e interpretar o texto, tencionando que se tornem cidadãos conscientes de seu papel no mundo.

Cosson (2014) assevera que o conhecimento de várias materialidades literárias é importante, pois indica a necessidade de mais abertura no tratamento do texto literário dentro e fora da escola. As dificuldades dos alunos para ler e interpretar os textos que circulam no ambiente escolar são velhas conhecidas dos professores, independente do caráter do texto, os alunos apresentam as mais variadas dificuldades na hora de interpretar e interagir com o texto, sendo que tal situação se agrava quando se trata dos textos literários, pois a leitura literária requer do aluno seu encontro com a obra.

Cumprido destacar, que a distinção entre utilitário e o estético do texto ficcional é condição indispensável na hora de pensarmos o trabalho com a literatura na formação de leitores e no processo de alfabetização dos sujeitos, pois ambos os discursos quase sempre se misturam no conjunto de produção cultural. Nessa discussão entre democratizar e escolarizar o texto ou conservar as especificidades da linguagem, a escola deve preservar o literário e as experiências estéticas que ele pode proporcionar ao leitor.

O utilitarismo implica na diminuição do leitor, ou seja, aos modos de integra-los aos discursos dominantes de ordem social, sendo seu objetivo apenas o enfoque pedagógico, assim, a abordagem dos textos ficcionais de modo utilitário, não contempla a compreensão do leitor, mas contribuiu para o processo de dominação das camadas menos favorecidas, as quais permanecendo alienadas aos grupos sociais dominantes, não se tornam capazes de atuarem criticamente sob o meio em que vivem, conforme assevera a teoria de Freire.

Segundo Edmir Perroti (1986) o texto escrito para crianças vem assumindo caráter pedagógico ao longo dos anos, tendo sua função sido comprometida como pretexto para resolver atividades, fato este que tem ocorrido desde a Idade Média quando as crianças passaram a ter contato com os textos literários para receber formação moral e aprender a língua, passando a literatura a ser vista como ferramenta para doutrinar os pequenos leitores. O autor acentua que é inevitável o caráter instrumental que está presente no discurso utilitário, pois quando o julgamos, percebemos que esta é sua essência (doutrinação do leitor).

A literatura infantil, formadora do intelecto moral da criança foi criada com a finalidade pedagógica, pois, a partir da obrigatoriedade da escolarização da criança no século XIX, o direito à educação propiciou o desenvolvimento linguístico dos indivíduos por meio da leitura, em detrimento disto, a educação escolar, religiosa e familiar permitiu moldar os textos voltados às crianças aos ideais adultos (CALDIN, 2003). Assim, o processo educacional e de democratização do saber que ocorre no ambiente escolar desde os primórdios de sua formação é sustentado pelos discursos utilitários do textos.

Desse modo, o problema não está no caráter educativo do texto, mas sim em privilegiar esta função em detrimento da função estética. Nessa perspectiva, Pinto (2003, p. 03) afirma que: “educar todo texto ensina, mas se esta for a prerrogativa básica explícita no texto, o seu todo certamente ficará comprometido, pois o texto ficcional para a ser produzido para uma finalidade”.

Nesse contexto, o discurso utilitário implica a inferiorização do leitor/receptor, colocando o emissor como detentor da verdade, caracterizando assim, um discurso de poder. Assim, a obra apresenta-se fechada e o leitor ocupa papel apenas de ouvinte, não podendo praticar a leitura em sua total liberdade.

Para Lajolo (1986) ao discutir as noções de que os textos não são pretextos para ensinar, a autora assevera que os textos literários devem ser trabalhados no sentido de aguçar e instigar a leitura crítica dos alunos, permitindo que o aluno infra seus posicionamentos diante do texto a partir de seus conhecimentos prévios assim como havia proposto Paulo Freire (2003, *passim*).

Ao desconsiderar a leitura polissêmica do texto e a participação do leitor, a escola está ignorando que o aluno convive com outras formas de leitura e linguagem, colocando como ideal a leitura do professor/emissor, privando o aluno de manifestar suas leituras e vivências. Em que se pese essa leitura pedagógica e utilitária, os leitores se encontram presos às amarras dominantes. Assim, é importante considerar que o modo que se aborda uma leitura literária dentro de sala de aula, pode corroborar para torná-la utilitária, mesmo que tal leitura não seja pautada pelo discurso utilitário (PINTO, 2003).

Portanto, compreendemos que a problemática na formação de leitores na contemporaneidade, ocorre devido à redução e instrumentalização do texto frente aos processos de interpretação, considerando que durante séculos e, ainda atualmente, muitas práticas de leituras não consideram o caráter dialógico e estético dos textos e, infelizmente, ainda perduram práticas escolares que utilizam o texto como mera ferramenta pedagógica, estando a serviço de uma causa, ou de uma intenção.

Assim, é de suma importância, que o processo de alfabetização da criança e do adulto, desde o início contemple o caráter emancipatório do leitor, visando, preparar os indivíduos para atribuir sentidos as combinações trazidas pelo texto, bem como para serem autores de suas histórias, refletindo e atuando criticamente sobre o mundo.

7 Considerações finais

A partir dos pressupostos aqui discutidos, podemos perceber que durante muito tempo a leitura foi vista como um encantamento, como se as palavras saltassem do texto num processo mágico e de intimidade com o leitor. Fazendo com que o leitor ficasse estático perante a força das

palavras de um texto. Nesse sentido, o leitor seria um objeto passivo diante do texto. Contudo, não é o que propõe o educador Paulo Freire.

Como vimos, a leitura amplia sua definição à medida que se torna um elemento fundamental para o lugar do ser face à realidade social que vive. Logo, entendemos que a leitura, conforme Paulo Freire, se dá como o primeiro passo para a consciência própria do sujeito em decifrar as convicções que atravessam o sistema das instituições que predeterminam o comportamento humano. Dessa forma, a leitura significa, um fator primordial para às aprendizagens de si e do mundo.

Conforme Paulo Freire, o leitor deve ser um sujeito ativo, e que a leitura de um texto significa mais do que decifrar o significado das palavras. Ler nesse contexto, é convocar um espírito investigador e inovador. Assim sendo, a leitura tem como objetivo conduzir o leitor a um despertar, transformando-o em um leitor crítico diante do texto.

Portanto, ler significa decifrar a realidade seja ela qual for. Todavia, tal competência não deve ser reduzida a apenas esta função. Desse modo respondendo à pergunta problema qual a importância da aquisição da leitura na construção do cidadão crítico na contemporaneidade?

Vemos que conforme o autor, “Ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto.” (FREIRE, 2001, p. 260). A leitura tem como objetivo ampliar suas significações de modo que o leitor passa a ser um mecanismo indispensável para a sua completude e produção de sentidos, logo capaz de se posicionar perante a realidade social em que está inserido. E mais, o ato de ler possibilita a construção de um ser humano pautado na capacidade crítica de questionar e se libertar das ideologias que tem como objetivo romper a condição ética de construir uma sociedade mais igualitária.

Neste sentido, o texto literário tem caráter polissêmico, o que permite diversas possibilidades de leitura, assim sendo, a mediação de leitura por parte do professor, tem por fim instigar o aluno sua liberdade de interpretações, tendo em vista que a recepção do texto é individual (LINS E BISPO, 2015). O texto não é pretexto para o ensino de ortografia e gramática, mas sim um objeto plurissignificativo e que provoca o leitor a humanização em sua forma mais profunda por fazer viver (CANDIDO, 2006).

A formação de leitores é um assunto de extrema relevância (ou deveria ser) no contexto educacional, social e científico porque propõe que o processo educacional deve contribuir para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos, mas para que isso ocorra, os educadores precisam estar preparados para penetrarem nos textos com seus alunos e oferecer-lhes caminhos a partir de suas observações, tendo em vista, permiti-los vivenciarem sensações sugeridas pelos textos de maneira direta, sem verdades prontas ou absolutas.

Referências

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função pedagógica: o literário na escola.** Revista ABC, v. 7, n. 1. 2002. Disponível: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/371/443>.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSSON, R. **Círculos de Leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DAMKE, I. R. **Paulo Freire: o pensador que teorizou a prática, questionou a educação e sistematizou uma teoria do conhecimento**. Revista de Educação AEC, São Paulo, n.107, p. 31-48, 1998.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de Ler: em três artigos que se completam**. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para Liberdade**. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Carta de Paulo Freire aos professores**. In: Estudos Avançados 15 (41) 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/eav/article/view/9805>. Acessado em: 05 out. 2020
- GONÇALVES, Edilaine. **A abordagem literária: leitor e ensino**. In: Reflexões, perspectivas e prática no estágio supervisionado em letras/ Organizadora Maria Madalena Machado. Cáceres: Editora Unemat, 2018, 143 p.
- LAJOLO, Marisa. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor** (O texto não é pretexto). Porto Alegre-RS: Mercado aberto, 1986
- LINS, Heloísa Andréia de Matos. BISPO, Carla Fernanda Brito. **Literatura Infantil e formação de leitor: atuação docente e participação dos pequenos na educação básica**. Poiésis. Unisul, Tubarão. v. 09, n. 15. p. 171-190, Jan/Jun-2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/300480138.pdf>.
- PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Icone, 1986.
- PINTO, Aroldo Jose Abreu. **Literatura Infanto-Juvenil Brasileira: O discurso utilitário e o discurso emancipatório estético**. Revista Científica de Pedagogia Eletrônica. ano. 1, n, 1. Janeiro/2003. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/IB2d2BxPOK7PAzQ_2013-5-28-11-39-22.pdf.
- SILVA, José Aroldo da. **Discutindo sobre leitura**. Letras escreve. Vol. 01- n. 01. Janeiro a Junho de 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/326>.
- TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. Coleção Paulo Freire. v. II. São Paulo: Loyola, 1979.